



**Veredas Temática:**

**Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares**

**Volume 22 nº 1 - 2018**

---

**Possíveis contribuições da autoetnografia para investigações na área de formação de professores e formação de formadores**

Fabrício Tetsuya Parreira Ono (UFMS)

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo discutir e apresentar a autoetnografia como possibilidade de se expandir as pesquisas na área de formação de professores e formação de formadores. Para tanto, recorre-se aos estudos mais recentes acerca da metodologia em questão por meio de noções e questionamentos que permeiam esta perspectiva, apoiado, principalmente, nos estudos de Adams, Jones e Ellis (2015), Bochner (2013), Pathak (2013) e estudos que discutem o pensamento pós-colonial e pós-moderno (BUTLER, 2015; VATTIMO, 2004; SOUSA SANTOS, 1999). Apresentam-se uma breve perspectiva histórica, as implicações da autoetnografia para pesquisas, assim como questões sobre ética e justiça social. Para tanto, apresenta-se uma justificativa para o uso da autoetnografia e possíveis contribuições para investigações que visam a pleitear vozes subalternas e advogam por um pensamento pós-colonial e pós-moderno.

Palavras-chave: autoetnografia; formação de professores; formação de formadores; epistemologias

**Minha história com a autoetnografia**

[...] uma ciência assente numa racionalidade mais ampla, na superação da dicotomia natureza/sociedade, na complexidade da relação sujeito/objeto, na concepção construtivista da verdade, na aproximação das ciências naturais às ciências sociais e destas aos estudos humanísticos, numa nova relação entre a ciência e ética assente na substituição da aplicação técnica da ciência pela aplicação edificante da ciência e, finalmente, numa nova articulação, mais

equilibrada entre conhecimento científica e outras formas de conhecimento com o objetivo de transformar a ciência num novo senso comum [...] (SOUSA SANTOS, 1999, p. 25).

Este artigo busca discutir a autoetnografia como uma perspectiva que pode contribuir e expandir epistemologias e ontologias já estratificadas, naturalizadas e fossilizadas, corroborando com o pensamento de Sousa Santos (1999), ao afirmar que devemos buscar alternativas para equilibrar outras formas de conhecimento com o conhecimento científico que já está validado e legitimado. Neste sentido, discutirei, nas seções seguintes, as noções de autoetnografia mais recentes e as relacionarei com a possibilidade de seu uso em investigações sobre a formação de professores e a formação de formadores.

A primeira vez em que ouvi o termo autoetnografia, eu estava iniciando meus estudos no doutorado; fiquei um tanto intrigado e iniciei uma pesquisa acerca do assunto. Percebi que o movimento autetnográfico ainda era sutil no Brasil e quase todas as referências provinham de pesquisadores estrangeiros. Envolvi-me tanto com o assunto que a autoetnografia tornou-se um ponto fundamental de minha tese de doutorado, na qual fiz a escolha de contribuir com estudos e análises de dados que suscitasse reflexões e questionamentos, a partir de experiências sobre a formação do formador em vez de resultados de análise de dados. Trata-se de estudos nos quais eu expressasse a **conexão entre o pessoal, o social, o cultural, os espaços físicos e o profissional ao se pesquisar**, trazendo à tona as “visíveis cenas invisíveis” na construção dos sentidos (MONTE MÓR, 2000) e explorando em profundidade minhas experiências, emoções, sentimentos, questionamentos e práticas profissionais. Ratifico essa perspectiva no trecho a seguir:

Quanto mais eu lia, mais me preocupava em ter que discutir este método neste trabalho, não conseguia encontrar um espaço entre tantas coisas que deveria dizer/teorizar/discutir/narrar/explorar onde coubesse esta discussão. Não queria trazer recortes, paráfrases, excertos de textos que deixassem meu trabalho enquadrado pelo caráter tradicional, positivista, cartesiano: cheios de *fulano diz isso, cicrano diz aquilo e, portanto, temos isso*. Desejava apresentar um frescor, algo que representasse um pouco do que sou/estou e chegasse mais próximo daquilo que faço como formador de professores de língua inglesa. Afinal, eu havia sido contaminado pelo prefixo pós-pós-moderno, pós-colonial e pós-estrutural (ONO, 2017, p. 36).

Desta forma, acredito e advogo por uma conexão que vá além de narrativas estritamente autobiográficas ou de modelos que sugerem a observação de normas modernas de ciência; vislumbro um meio que possa representar outro paradigma de pesquisas em formação de professores e formação de formadores. Por isso, amparo-me em Vattimo (2004, p. 173), que, ao discutir o fim da modernidade, nos diz: “não se sairá da modernidade mediante uma superação da crítica, que seria um passo ainda de todo interno à modernidade. Fica claro, assim, que se deve buscar um caminho diferente”. Assim, impulsionado por tendências que visam a romper limitações teóricas, busco fugir do paradigma positivista das ciências sociais empíricas focadas em abstrações, controles, regras rígidas, baseadas em fatos vinculados ao pensamento cartesiano ao tratar da autoetnografia, na busca por outras possibilidades de se fazer pesquisa.

## 1. Autoetnografia: algumas noções

Como possibilidade metodológica, a autoetnografia começou a tomar força no começo dos anos 2000, principalmente em contextos norte-americanos e britânicos, embora já

tivesse começado a engatinhar na década de 90 com termo cunhado pelo antropólogo Hayano (1979), no trabalho intitulado *Auto-Ethnography: paradigms, problems and prospect*. Hayano (1979) aponta, já no fim da década de 70, a necessidade de se estudarem os mundos sociais e subculturas por meio de um pensamento pós-colonial.

A autoetnografia pode corroborar com um fazer científico que leve em consideração propostas da pós-modernidade e o pensamento pós-colonial, em uma tentativa de romper padrões epistemológicos e ontológicos, entendidos como saturados e fossilizados.

As investigações convencionais se tornaram parte de um círculo metodológico que precisa ser expandido, indicando uma possibilidade na qual o fazer científico possa ser executado por uma perspectiva pautada pelo pensamento pós-colonial, com o cuidado de não se reproduzir aquilo que se pretende romper:

Métodos pós-coloniais permitem ao autoetnógrafo se analisar tanto como sujeito do estudo quanto como um produto de sistemas sociais, políticos e culturais mais abrangentes. Ao mesmo tempo, os métodos pós-coloniais presumem e esperam que o pesquisador critique o próprio sistema de conhecimento que guia a academia. Portanto, autoetnografia pós-colonial tem a capacidade de atingir dois objetivos entrelaçados: (1) a criação de uma corrente que serve para revelar e romper com estruturas dominantes de opressão e (2) o reconhecimento de que o processo de produção de conhecimento em si deve também ser continuamente examinado para assegurar que não haja reprodução de sistemas que se busca dismantelar. (PATHAK, 2013, p. 595)<sup>1</sup>

Dutta e Basu (2013, p. 160) defendem que devemos “aprender a aprender” a partir dos “subalternos” em busca de outros métodos que possam garantir essa perspectiva. Trata-se de uma busca por outras probabilidades de pensarmos em um paradigma de (des)aprender, aliando-se à proposta de Spyvak (2013), na qual, por meio da (des)aprendizagem, abre-se a possibilidade de construir outros saberes. Assim, ao se subverterem discursos, criam-se aberturas para discursos que são de Outros e meus também, contribuindo para o pensamento pós-colonial e a um “eu” pós-colonial.

## **2. Autoetnografia como processo metodológico**

Quanto ao processo metodológico, quatro pressupostos ressignificados, a partir do pensamento de Bochner (2013), ilustram os caminhos que devem ser observados ao se fazer autoetnografia:

1. Reconhecimento dos limites do conhecimento científico visando a expandir o apreço pela pesquisa qualitativa;
2. Preocupação intensificada acerca de políticas e éticas em pesquisas;
3. Consideração e apreciação pelas narrativas, literatura e estética, emoções e o corpo;

---

<sup>1</sup>“Postcolonial methods allow the autoethnographer to analyze herself as both the subject of study and as a product of larger social, political, and cultural systems. At the same time, postcolonial methods presume and expect that the scholar will critique the very system of knowledge production that drives our academic enterprise. Thus, postcolonial autoethnography has the capacity to achieve two intertwined goals: the creation of a scholarship that serves to reveal and disrupt dominant structures of oppression and the recognition that the process of knowledge production itself must also continuously be scrutinized to assure that the scholarship does not reproduce the very systems it is working to dismantle.” (Tradução do autor)

4. Avanço no reconhecimento de identidades sociais e políticas identitárias;

Esses pressupostos da autoetnografia como processo metodológico de pesquisa e, também, um “*way of life*” acadêmico (BOCHNER, 2013, p. 53), alinham-se ao que Sousa Santos (1999, p. 25) argumenta ao advogar por uma ciência pós-moderna, pela necessidade de pensarmos em rupturas epistemológicas e paradigmáticas, por outras formas de se fazer ciência e validar o pensamento científico que não segue o padrão preestabelecido em outros tempos, o que foi mencionado no início deste texto.

Retomo, ainda, para avigorar esta discussão sobre ciência, a reflexão acerca do fato de que as ciências sociais são de natureza subjetiva, diferentemente do que acontece nas ciências naturais. Por isso, é necessária uma compreensão dos fenômenos sociais, partindo das epistemologias e do sentido construído por seus agentes. Ao se considerar o paradigma emergente nas ciências sociais, as dualidades e binarismo devem ser submetidos à superação destas distinções, tais como observador e observado, sujeito e objeto, por exemplo, conforme defende Sousa Santos (1999).

Enfatizo, nesse sentido, a reflexão de Bochner (2013, p. 53), ao declarar que a autoetnografia “tornou-se um ponto de encontro para aqueles que acreditam que as ciências humanas precisam se tornar mais humanas”.<sup>2</sup> Isto é, por meio de um trabalho autoetnográfico, onde o sujeito/objeto se revela, se expõe e aceita o risco, estamos tornando a ciência com características mais humanas. Neste processo, incluem-se a emoção, os sentimentos e as experiências, não tão exploradas em outros métodos, ao mesmo tempo em que “questões relativas ao ser”<sup>3</sup> são colocadas em circulação e abertas para o diálogo.

Bochner (2013, p. 53) salienta o fato de que “sentidos e significados são sempre relacionados às próprias ações e experiências das pessoas num determinado contexto [e tempo]”. Nesse raciocínio, “a identidade de uma pessoa deveria ser entendida como contingente ao que as coisas e contextos significam para ele ou ela” [num determinado tempo]<sup>4</sup>, o que vai ao encontro do que mencionei na primeira parte deste texto, em uma busca por outra possibilidade de se fazer pesquisa na qual haja conexão entre o pessoal, o social, o cultural; os espaços físicos e o profissional ao se pesquisar.

Como consequência, a escrita autoetnográfica pode ser dolorosa para quem a escolhe: “[...] escrever autoetnografia exige altos, rigorosos, corajosos e desafiadores níveis de reflexividade pessoal, relacional, cultural, teórica e política”<sup>5</sup> (NIGEL; GRANT; TURNER, 2013, p.5). Para mim, este processo foi bastante profundo, incômodo e doloroso, foi sofrer previsivelmente por conta do que tem de ser feito, na pesquisa, no relato da pesquisa e no modo como se deseja fazer. Por isso, escolhi o excerto, a seguir, de uma das pesquisadoras tida como referência em autoetnografia na América do Norte, para ilustrar o que digo aqui:

É surpreendentemente difícil. Certamente, é algo que a maioria das pessoas pode fazer bem. Cientistas sociais, geralmente, não escrevem bem o suficiente ou não são suficientemente introspectivos acerca de seus sentimentos e motivações ou de contradições que experienciam. Ironicamente, muitos não observam de forma suficiente o mundo ao redor

<sup>2</sup> “has become a rallying point for those who believe that the human sciences need to become more human”.

<sup>3</sup> “Issues of being”.

<sup>4</sup> “We attribute significance and meaning to our actions and experiences. Indeed, a person’s identity is contingent on the significance these things have for him or her”.

<sup>5</sup> “[...]writing autoethnography demands high, rigorous, courageous and challenging levels of personal, relational, cultural, theoretical and political reflexivity.”

deles. O autoquestionamento exigido pela autoetnografia é extremamente difícil. Com frequência, confrontam-se coisas sobre si mesmos que são menos lisonjeiras. Acredite, uma exploração autoetnográfica gera muitos medos e inseguranças. Apenas quando não mais se pode suportar a dor é que o trabalho real começa. Então, há a vulnerabilidade de se revelar, não sendo possível voltar atrás sobre aquilo que foi escrito ou ter qualquer tipo de controle sobre as interpretações dos leitores de sua história. É difícil não sentir o julgamento dos críticos sobre sua vida e seu trabalho. A crítica pode ser humilhante. (ELLIS, 2004, p. xvii)<sup>6</sup>

Quanto ao uso da escrita ao invés de outras formas, Colyar (2013, p. 368) ressalta: “Na autoetnografia, a escrita não é um ato dissociável, mas um processo que sustenta, ou talvez constitua, a conexão do *eu* e o sociocultural”<sup>7</sup>. Também Bochner (2013, p. 53) declara sobre autoetnografia: “É uma resposta a uma crise existencial – um desejo de se fazer um trabalho significativo e de se levar uma vida significativa”<sup>8</sup>. Ao mesmo tempo, escrever e pesquisar torna-se um exercício de entrega, uma sensação de exposição, como de estar em uma vitrine onde qualquer um pode passar e ver o que estamos fazendo e como estamos fazendo.

Seguindo esse raciocínio, na discussão do *eu* aqui exposto, não poderia deixar de mencionar a proposta de Arendt (2010) sobre *Vita Activa*, a distinção entre o público e o privado, ou seja, neste processo em que o privado se torna público, no caso da autoetnografia, me apropriado das reflexões da autora:

Embora a distinção entre o privado e o público coincida com a oposição entre a necessidade e a liberdade, entre a futilidade e a permanência e, finalmente, entre a vergonha e a honra, não é de forma alguma verdadeiro que somente o necessário, o fútil e o vergonhoso tenham seu lugar adequado no domínio privado (ARENDRT, 2010, p. 90).

Então, para mim, a escolha da autoetnografia como viés metodológico implica entregar-se à vulnerabilidade criada pelo próprio trabalho, da criatura causando efeito no criador, atribuindo significado e significância às suas ações e experiências, por meio da escrita autoetnográfica. Seguindo esta lógica, entendo e concordo com o que diz Antoniu (ap. ALLEN-COLLINSON, 2013, p. 284): “Quando escrevo, eu me torno público, visível e vulnerável”<sup>9</sup>.

Essa é também uma tentativa de fuga do moralismo intelectual que, de forma impiedosa, Maffesoli (2010, p. 38) descreve ao discorrer sobre o paradigma estético, no que tange à moralidade intelectual: “[...] o incorrigível moralismo que, confundidas todas as

---

<sup>6</sup> “It’s amazingly difficult. It’s certainly not something that most people can do well. Social scientists usually don’t write well enough. Or they’re not sufficiently introspective about their feelings or motives, or the contradictions they experience. Ironically, many aren’t observant enough of the world around them. The self-questioning autoethnography demands is extremely difficult. Often you confront things about yourself that are less than flattering. Believe me, honest autoethnographic exploration generates a lot of fears and self-doubts- and emotional pain. Just when you think you can’t stand the pain anymore – that’s when the real work begins. Then there’s the vulnerability of revealing yourself, not being able to take back what you’ve written or having any control over how readers interpret your story. It’s hard not to feel that critics are judging your life as well as your work. The critique can be humiliating”.

<sup>7</sup> “In autoethnography, writing is not a separate act, but a process that supports, or perhaps constitutes, the self and the sociocultural connection”.

<sup>8</sup> “It’s a response to an existential crisis– a desire to do meaningful work and lead a meaningful life”.

<sup>9</sup> “As I write, I become public, visible, vulnerable”.

tendências, serve de terreno à produção intelectual, seja na sua versão eclesiástica ou na sua versão laica, maciçamente o clero sempre se pretendeu intérprete do *dever-ser*”.

Ainda, neste sentido, sinto-me acolhido, no que se refere à escolha pela autoetnografia como processo metodológico, quando Maffesoli (2010, p. 41) menciona:

[...] isso permite sublinhar o aspecto complexo da vida social, a sinergia dos diversos elementos que a compõem. Ao contrário do moralismo, o esteticismo remete a uma forma de assentimento à vida. Nada do que a compõe deve se rejeitar. É um desafio por aceitar.

Esta não rejeição da sinergia entre o eu, a práxis e as experiências se tornaram o fomento de uma pesquisa de cunho autoetnográfico. No entanto, ressalto os riscos e benefícios no processo, concordando com a declaração de Ellis (2004, p. XX)<sup>10</sup>:

Não significa que o processo estará livre da dor. Geralmente, algum grau de turbulência emocional acompanha a vulnerabilidade exigida para se escrutinar e revelar aos outros aquilo que se encontra. Quase sempre, os esclarecimentos que se tem de si mesmo e do mundo ao redor tornam a dor tolerável, até mesmo às vezes bem-vinda.

Saliento que a autoetnografia é um processo que usa as experiências do pesquisador com descrição e crítica de crenças, práticas e experiências (ADAMS; JONES; ELLIS, 2015). Por focalizar a formação, tanto do professor quanto do formador, deve-se trazer (ou tentar trazer) partes do acervo pessoal, com experiências, vivências, estudos, frustrações, emoções, sentimentos, desconfortos e momentos de felicidade. E, neste sentido, vale mencionar o que diz Tedlock (2013, p. 361)<sup>11</sup>, ao analisar a escrita autoetnográfica:

[...] escrever e desempenhar, vulneravelmente, com o coração, com paixão e acuidade analítica permite-se o surgimento de uma representação plana e sem alma para uma pesquisa sensual e evocativa, que encoraja e sustenta tanto o desenvolvimento pessoal quanto justiça social no mundo.

A natureza qualitativa com a abordagem relacional (*relational approach*) da autoetnografia “oferece variadas formas de engajamento com o *self*, ou talvez mais precisamente com os *selves*”<sup>12</sup> (ALLEN-COLLINSON, 2013, p. 282) pelo reconhecimento da relação com o Outro, com outras culturas, outros espaços físicos e outras políticas; representa um frescor e uma inovação em uma variação da etnografia. Além disso, Adams, Jones e Ellis (2015) buscam promover uma reflexão voltada para as relações entre o eu e a sociedade, com questões específicas e gerais, assim como questões pessoais e políticas, o que será discutido na seção seguinte.

---

<sup>10</sup> “That does not mean the process will be pain free; usually some degree of emotional turmoil accompanies the vulnerability required to scrutinize yourself and reveal to others what you find. Almost always, the insights you gain about yourself and the world around you make the pain bearable, even welcome at times”.

<sup>11</sup> “[...] writing and performing vulnerably from the heart with passion and analytic accuracy allows one to emerge from a flat soulless representation of social words outside the self into sensuous, evocative research that encourages and supports both personal development and social justice within the world.”

<sup>12</sup> “(...) offers a variety of modes of engaging with self, or perhaps more accurately with selves.”

### 3. Autoetnografia e investigações na área de educação no Brasil

No contexto brasileiro, verifica-se uma pequena quantidade de trabalhos executados com o viés metodológico autoetnográfico. Em uma busca realizada pela ferramenta digital Google e Google Acadêmico (dezembro 2016), nota-se uma pulverização dessa metodologia de pesquisa, indicada pela característica esparsa dos resultados, o que leva a uma consideração de que não se trata de um movimento epistemológico que já tenha encontrado uma estabilização nas academias do Brasil.

Em um refinamento de busca filtrado pela indicação “Língua Portuguesa do Brasil”, a recorrência de termos é de 14.300 resultados na busca geral. Quando refinada pela ferramenta acadêmica, encontram-se 614 resultados.

Com os termos “autoetnografia formação professores”, os resultados se reduzem a 463 recorrências. Dentre os resultados apresentados pela busca na internet, destaco o estudo de Bossle e Molina Neto (2009, p.131), pelo foco em professores de educação física, que trazem uma contribuição da autoetnografia para estudos em ciências humanas: “Essa perspectiva metodológica foi adotada como parte da investigação sobre o trabalho coletivo dos professores de educação física de duas escolas dessa rede de ensino, que incluiu, também, a realização de uma etnografia”.

Assim, ao lançar essa discussão sobre as possibilidades de pesquisas de caráter autoetnográfico, almejo ressaltar a sua importância e quão significativos são os relatos de processos pelos quais as pessoas passam ou vivenciam para ser e estar no mundo, assim como suas narrativas sobre o agir em determinadas circunstâncias nas implicações para a formação do formador.

Saliento a importância do reconhecimento das consequências no trânsito em diversos espaços físicos aliado aos elos afetivos ocasionados nas diversas geografias e na estada em cada um deles – o que entendo por topofilia, criando os curtos-circuitos emergentes *da* e *na* trajetividade. Ainda, não se pode desconsiderar a importância da solidão e do apinhamento, que fortemente influenciam um trabalho autoetnográfico, entendidos conforme os pensamentos de Tuan (2013, p. 78):

A solidão é uma condição para adquirir a sensação de imensidade. A sós, nossos pensamentos vagam livremente no espaço. Na presença de outros, os pensamentos recuam devido ao fato de que outras pessoas projetam seus próprios mundos na mesma área. O medo do espaço muitas vezes vai junto com o medo da solidão. A companhia de seres humanos – mesmo de uma única pessoa – produz uma diminuição do espaço e ameaça a liberdade. Por outro lado, à medida que as pessoas penetram no espaço, para cada uma chega um ponto em que a sensação de espaciosidade passa ao seu oposto – apinhamento.

Desta forma, o processo autoetnográfico expande as possibilidades de se investigar questões educacionais que não focalizem a busca por um padrão ou uma verdade, mas as verdades localizadas e contextualizadas. Não se busca trazer, nem se ousa trazer neste processo um conhecimento estável e determinante sobre a experiência, seja sobre a formação de professores, a formação do formador ou sobre os estudantes. O que se pretende, ao meu ver, é a contribuição de outras vozes e outros saberes na propulsão de reflexões e outras pesquisas.

#### 4. Ética e Autoetnografia

Há uma recorrência e preocupação com a ética nos estudos que buscam traçar definições refinadas sobre autoetnografia. A princípio, isso me chamou muito a atenção, dado que muitas instituições têm um comitê de ética para avaliar e validar pesquisas. Ouvi pela primeira vez nos tempos de mestrado (2004), em seguida surgiu um *boom* de comitês nas mais diversas instituições. Até aquele instante, o termo ética, embora eu também seja bacharel em Direito, estava atrelado ao que dizem os dicionários.

Quando cursei as disciplinas no meu processo de doutoramento, o termo ética ressurgiu com mais força. Foi naquele momento que parei e pensei: “Acho que não sei o que é ética!”

Lembro-me do professor dizendo: “O que é ética para você pode não ser ética para mim”. Não sei se ouvi direito, mas isso mexeu comigo, me incomodou, me deixou com “uma pedra no sapato”.

Em um trabalho autoetnográfico, focado em formação de professores e formação do formador, entendo que a ética vem a ser uma ética de si, do sujeito/objeto/pesquisador que se expõe, que vivencia, narra, descreve, analisa, ressignifica e traz seus pensamentos, sensações e emoções mais íntimas sobre o tema da pesquisa para um público interessado no assunto.

Entendo, então, que a ética na formação de professores e na formação do formador de professores está muito próxima do que é discutido por Todd (2003, p.1)<sup>13</sup>. Logo nas primeiras linhas de sua discussão, sobre aprender com o outro, o autor comenta: “Ética, na medida que nos oferece um discurso de repensar nossas relações com outras pessoas, é central para qualquer educação que leva a sério a justiça social”.

A ética sobre mim mesmo poderá ser interpretada de diversas formas, em diversos contextos, embora eu não tenha domínio sobre as interpretações. Assim, entender essa ética sobre mim neste viés pode tornar-se um desafio, um temor, mas algo imprescindível para que uma pesquisa autoetnográfica caminhe e se transforme: “O ‘eu’ ficou fora de seu controle pela força de tornar-se escrito”, como nos adverte Butler (2015, p.25)<sup>14</sup>, ao falar sobre os deslocamentos e as multiplicidades que constituem o sujeito.

Ainda no que se refere à ética em uma proposta de pesquisa autoetnográfica individual, saliento o que Chang (2013) entende como “ética relacional”, ou seja, a ética de reconhecer e valorizar o respeito entre as pessoas, sobre a dignidade e as conexões estabelecidas entre pesquisador e pesquisado, principalmente sobre aqueles que estão envolvidos nas narrativas, experiências e nos relatos sobre mim mesmo. Neste sentido, Spry (*apud* ADAMS; JONES; ELLIS, 2015, p. 96) acredita que, em um estudo autoetnográfico, deve-se evitar: a autoindulgência, a culpa e a vergonha, “atos heroicos”, vitimização do *eu* e o afastamento do *eu/outro* nas histórias, nas culturas e políticas daquilo que o pesquisador representa.

Foi a partir dos pensamentos de Butler (2015) que pude ter a sensação de que é possível fazer um trabalho ético sem comprometer e expor o outro naquilo que se está fazendo. Para mim, o texto de Butler, ao discutir os pensamentos de Spinoza, tem uma força especial ao tratar do *self*, como uma forma de expressar o que pode construir como ético dentro de si:

---

<sup>13</sup> “Ethics, insofar as it potentially offers us a discourse for rethinking our relations to other people, is central to any education that takes seriously issues of social justice”.

<sup>14</sup> “The ‘I’ has gotten out of his control by virtue of becoming written”.

Este ser não deseja apenas preservar seu próprio ser, mas viver em um mundo que reflita e expanda a possibilidade de perseverança. De fato, perseverança requer do próprio ser a reflexão do mundo, tal que perseverar e modular referência para o mundo são coisas atadas. Finalmente, embora possa parecer que o desejo de perseverar é um desejo individual, acaba requerendo e obtendo uma sociabilidade que é essencial para aquilo que perseverança significa; “preservar-se em si próprio” é então viver em um mundo que não apenas reflita, mas adicione o valor de outras vidas assim como a de si próprio (BUTLER, 2015 p. 65)<sup>15</sup>.

A ética, a meu ver, é ceder-se ao desejo, no qual há o intuito de contribuir para estudos na área de formação de professores e formação do formador por meio das experiências pessoais, das relações com os outros e com o mundo, de fazer uma autorreflexão cuidadosa e profunda.

## **5. Justiça social, formação de professores e autoetnografia**

Um dos pressupostos elencados pelos autores citados, no que se refere à autoetnografia, é o esforço pela justiça social e a tentativa de se tornar a vida melhor. Eu pergunto: “O que seria justiça social neste caso? O que é a tentativa de tornar a vida melhor?”

Justiça social, no meu entender, é possibilitar que vozes não ouvidas sejam ouvidas, é possibilitar que as pessoas se autoempoderem daquilo que elas são e fazem. É proporcionar uma experiência de ensino e aprendizagem, no curso de licenciatura, que possibilite que aqueles sujeitos abertos e suscetíveis a mudanças possam dizer: “Eu sou professor, sei o que faço e contribuo para uma educação de qualidade.”

No que tange a uma vida melhor, eu precisei de muitos anos de vida para entender que minha vida, aqui e agora, é a melhor, quando me livre dos estereótipos impostos pelos canais de televisão aberta, pelas revistas (sou do tempo em que íamos à banca comprar revistas).

Demorei muitos anos para entender que a “vida melhor” era a que eu vivia, era tornar meu trabalho algo prazeroso, era criar um ambiente harmônico na sala de aula, era compreender que meu aluno era diferente de mim, que ele tinha outras experiências, outros desejos, mesmo que tudo isso fosse claro para mim e muitas vezes bastante distante do sentido que os meus alunos davam/dão para minha práxis.

Ao mesmo tempo, esta reflexão me proporcionou entender que nem as minhas melhores intenções como formador de professores podem desconfigurar a cortina ou a barreira entre o papel de aluno e professor.

## **6. Como fazer? Há uma receita?**

Não existe uma fórmula mágica, um padrão predeterminado, um módulo vazio que se preenche com dados, fatos e experimentos que possam ser executados na procura por resultados em um processo de pesquisa que tem a autoetnografia como método. Vale ressaltar que, além da forma escrita, são consideradas outras formas de fazer autoetnografia como as performances, músicas, danças, os filmes ou outras formas de manifestação artística, como

---

<sup>15</sup> “This being desire not only to preserve in *its own* being, but to live in a world that reflects and furthers the possibility of that perseverance; indeed, perseverance in one’s own being requires that reflection from the world, such that persevering and modulating reference to the world are bound up together. Finally, although it may seem that the desire to preserve is an individual desire, it turns out to require an acquire a sociality that is essential to what perseverance means; “to preserve in one’s own being” is thus to live in world that not only reflects but furthers the value of others’ lives as well as one’s own”.

citados por Bartleet (2013). A autoetnografia permite assim que a pesquisa possa ser apresentada de diversas formas ou modos, explorando aspectos criativos e outras estéticas.

Os métodos qualitativos “convencionais” mostram-se desatentos a pesquisas que não se enquadram em sua conjectura rígida, calcada nos pensamentos cartesianos e positivistas tradicionais de se fazer ciência. Tais métodos descartam uma gama de dados, reflexões e diálogos, que podem conferir um outro olhar e novas descobertas nas ciências sociais, o que poderia ser justificado pela naturalização de um sistema de conhecimento fechado a outras alternativas.

Neste sentido, a opção por uma pesquisa autoetnográfica representada por performances e autoetnodramas, por exemplo, pode garantir uma expansão e amplificação de interpretações culturais e identitárias sob um outro viés, menos rígido, menos binário, menos engessado, trazendo à tona o pensamento rizomático – não linear – e a hibridização cultural.

### **Algumas considerações**

Para mim, uma das mais complexas características da autoetnografia como opção metodológica, com foco de pesquisa na formação de professores e na formação do formador de professores, é a busca por um equilíbrio entre o rigor metodológico e as emoções, os sentimentos e o processo criativo, que muitas vezes só se torna aparente após o afastamento temporal do texto escrito, com leituras e releituras, assim como com a contribuição de um leitor crítico, seja um orientador, um colega da academia, um amigo ou um desconhecido.

Como já dito anteriormente, o que não se busca em um processo autoetnográfico é *uma* verdade, mas sim as verdades localizadas, contextualizadas para o estudo em questão. Não se busca trazer, nem se ousa tratar de um conhecimento estável e determinante sobre a experiência de formação do formador ou de formação de professores. O conhecimento e a práxis localizada são fundamentais. A minha história como pesquisador e formador de professores não é a mesma dos meus colegas e poderá contribuir de alguma forma para estudos e reflexões futuras, mas não poderá ser tida como um modelo.

Neste texto, procurei trazer contribuições acerca da Autoetnografia como mais uma possibilidade de se fazer pesquisa na área de Formação de Professores e Formação de Formadores. Considerei o fato de que este viés metodológico ainda é muito recente no país, sendo já um pouco mais difundido no exterior.

Com este propósito, pretendo que esse aporte possa impulsionar outros pesquisadores que buscam alternativas metodológicas para suas pesquisas, por meio de uma revisão da literatura acerca da autoetnografia e de suas possibilidades em investigações na área de formação de formadores e formação de professores.

### **Possible contributions of autoethnography for investigations in the area of teacher education and teacher educator’s education**

**ABSTRACT:** This article aims at discussing and presenting autoethnography as a possibility of expanding researches in the field of teacher education and teacher educator’s education. Therefore, the most recent studies on the methodology in question are reviewed, mainly supported by Adams, Jones e Ellis (2015), Bochner (2013), Pathk (2013), and studies which discuss post colonial and post modern thinking (BUTLER, 2015, VATTIMO, 2004; SOUSA SANTOS, 1999) through notions and questions that permeate this perspective. The text presents a brief historical perspective, the implications of autoethnography for research, as well as questions about ethics and social justice.

Keywords: autoethnography; teacher education; teacher educator's education; epistemologies.

## Referências Bibliográficas

ADAMS, T.; JONES, S. H.; ELLIS, C. *Autoethnography*. Nova York: Oxford University Press, 2015.

ALLEN-COLLINSON, J. Autoethnography as the engagement of self/other, self/culture, self/politics, selves/futures. In: JONES, S.; ADAMS, T. E.; ELLIS, C. *Handbook of autoethnography* (Orgs.). Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2013.

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARTLEET, B.. Artful and embodied methods, modes of inquiry, and forms of representation. In: JONES, S.; ADAMS, T. E.; ELLIS, C. (Orgs.). *Handbook of autoethnography*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2013.

BOCHNER, A. P. Putting meanings into motion: autoethnography's existential calling. In: JONES, S.; ADAMS, T. E.; ELLIS, C. (Orgs.). *Handbook of autoethnography*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2013.

BOSSLE, F.; MOLINA NETO, V. No "olho do furacão": uma autoetnografia em uma escola da rede Municipal de ensino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, v. 31, n. 1, p. 131-146, 2009.

BUTLER, Judith. *Senses of the subject*. EUA: Fordham University Press, 2015.

COLYAR, J. E. Reflections on writing and autoethnography. In: JONES, S.; ADAMS, T. E.; ELLIS, C. (Orgs.). *Handbook of autoethnography*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2013.

DUTTA, M. J.; BASU, A. Negotiating our postcolonial selves from the ground to the Ivory Tower. In: JONES, S.; ADAMS, T. E.; ELLIS, C. (Orgs.). *Handbook of autoethnography*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2013.

ELLIS, C. *The ethnographic I: a methodological novel about autoethnography*. EUA: Altamira Press, 2004.

HAYANO, D. Auto-ethnography: paradigms, problems and prospects. *Human Organization*, v. 38, p. 113-120, 1979.

MAFFESOLI, M. *A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense, 2016

\_\_\_\_\_. *No fundo das aparências*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MONTE MÓR, W. Visíveis cenas invisíveis: o desenvolvimento do olhar (Investigações sobre a leitura). *Claritas: Revista do Departamento de Inglês da PUC*, n.6, p. 65-78, 2000.

NIGEL, S.; GRANT, P.; TURNER, L. *Contemporary British autoethnography*. Rotterdam, Netherlands: Sense Publishers, 2013.

ONO, F. T. P. *A formação do formador de professores: uma pesquisa autoetnográfica na área de língua inglesa*. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Universidade de São Paulo, 2017.

PATHAK, A. Musings on postcolonial autoethnography. In: JONES, S.; ADAMS, T. E.; SOUSA SANTOS, B. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SPYVAK, G. *An aesthetic education in the era of globalization*. Harvard: Harvard University Press, 2013.

TEDLOCK, B. Braiding evocative with analytic autoethnography. In: JONES, S.; ADAMS, T. E.; ELLIS, C. (Orgs.). *Handbook of autoethnography*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2013.

TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

VATTIMO, G. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Data de envio: 10/08/2017

Data de aceite: 26/07/2018

Data da publicação: 15/08/2018